

# Folha ProLer



FOLHA PROLER É UMA PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA NACIONAL DE INCENTIVO À LEITURA - FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL - MINC

## Reunidos no Rio, mais uma vez Comitês do ProLer avaliam o ano que passou e traçam metas para 2001

Representantes do ProLer em todo o Brasil reunidos no Leme Othon Palace Hotel, Leme, Rio de Janeiro, de 11 a 15 de dezembro compartilham e avaliam os trabalhos desenvolvidos em 2000,

traçando objetivos para o ano que se iniciou. Foram cinco dias de muitas atividades no VII Encontro Nacional do ProLer Avaliação e Perspectivas 2001, programadas pela Comissão Coordenadora. O

resultado foi um importante evento, elogiado e prestigiado por todos que participaram e que continuam contribuindo para o incentivo à leitura no país. Confira mais na página 2.

### Com a palavra, Ana Maria Machado

Abrindo o VII Encontro, a escritora Ana Maria Machado palestrou sobre leitura, literatura, ciência e arte para uma platéia entusiasmada e ávida por ouvir a premiada escritora brasileira laureada com o prêmio Hans Christian Andersen. Suas palavras, na manhã do dia 11 de dezembro, durante duas horas, trouxeram muita reflexão e provocaram fértil debate com os representantes do ProLer presentes à palestra. Mais detalhes, você encontra na página 3.

### Entre livros e bebês

Bebês devem ler? Histórias sobre o trabalho que desenvolve com literatura para bebês não faltaram para a fonoaudióloga e psicóloga clínica, Cláudia Brandão, contar no VII Encontro. Sua experiência neste campo é vasta, afinal são 16 anos na França iniciando bebês de 3 meses a crianças de 6 anos no manuseio, conhecimento e leitura de livros infantis e juvenis. Compartilhando o que aprendeu e viveu neste maravilhoso trabalho com a platéia, Cláudia narrou episódios que marcaram sua experiência e brindou os participantes com um documentário em vídeo exibido na televisão francesa. (página 5).

### A arte presente ao VII Encontro Nacional

Depois de visitas à Mostra do Redescobrimto, incluindo a fruição de "Imagens do Barroco - séculos XVII e XVIII, no Museu Nacional de Belas Artes, os participantes do VII Encontro puderam acompanhar a palestra quase como se fosse uma nova visita ao museu. O professor de Teoria da Arte da UERJ e um dos organizadores da Mostra, Amândio Miguel, foi convidado a falar sobre leitura de imagens, exibindo slides de obras expostas no MNBA e, em seguida, apresentou um vídeo e contou sobre a lógica de organização da mostra, da qual participou. Leia mais na página 7.

### A literatura integrando a América Latina

Presente num país e em evento privilegiados, como ela mesmo diz, a diretora do Fundaleitura - Fundação para o Fomento da Leitura e seção colombiana do IBBY, Sylvia Castrillon, de passagem pelo Brasil, fez questão de participar do VII Encontro Nacional do ProLer. Não fez por menos: discorreu sobre as propostas de integrar os países da América Latina via literatura e como fazer para tornar uma sociedade leitora. Além de apresentar sua concepção de como é possível modernizar a biblioteca pública. Detalhes da participação de Sylvia na página 4.

## Editorial

O ano 2000 passou, para o PROLER, como um período muito significativo, verificado quando do Encontro Nacional realizado em dezembro último. Desde outubro de 1996, quando uma nova política se implantou - com a concepção de que o acesso à leitura e à escrita constitui direito da maioria e que, por isso, é prioridade de ação de um programa nacional, ampliando a rede dos que podem ler, no país -, vinha-se buscando uma forma de trabalho mais efetivo. Esta forma reconhecia os limites de ação do Programa Nacional para dar conta de uma tarefa tão grande, limites esses que não lhe permitem responder às exigências que a extensão do problema requer. Assim, a ação do Proler foi sendo orientada para reforçar o sentido de parceria, de modo a que esta não se mantivesse como uma relação de desigualdade, mas uma relação de diferentes, cujos contratos vão sendo estabelecidos em função das melhores formas de atender às suas necessidades, com equidade. Esta construção, fruto da crença de que é possível qualificar as ações, produzindo a partir delas situações novas e até mesmo inovadoras, como todo novo caminho, não foi simples. A questão democrática que forte-

mente nos vem exigindo cuidados para que os sistemas de privilégios não se perpetuem em nossa sociedade já tão excludente, nem sempre é compreendida como sendo uma negociação equânime entre diferentes, mas traduzida como uma questão de divisão igual entre todos, cabendo freqüentemente a quem menos tem, ou a quem menos pode, o mesmo quinhão dos que não precisam, ou precisam menos. Para um país que chega ao século 21 com tão grande índice de analfabetos e de não leitores, cuja organização social se pauta diretamente a partir da existência do sistema escrito, como continuar seguindo sem perplexidade diante desta realidade dos que não podem ler, sem interferir nesse processo? Orientar as ações possíveis, com os curtos orçamentos, para fazer delas potências capazes de modificar, ou melhor, de interromper, o curso da reprodução da exclusão dos que não têm tido assegurado o direito a saber ler e escrever colocou-se como o desafio principal para a Comissão Coordenadora. Passados alguns anos e muitas resistências, chegamos ao final de 2000 em nosso Encontro anual de Avaliação

e Perspectivas com uma espécie de reconhecimento e de adesão cúmplice ao norte político para o qual vimos direcionando nossos esforços. O ano de 2001 se iniciou, com a nossa disposição em fazer, e seguramente, com mais maturidade política para enfrentar os desafios que estarão sendo colocados diante de todos nós - Comitês e equipe central. Os trabalhos relatados e os ali realizados foram inequívocos em mostrar como todo o grupo caminhou e como a metodologia escolhida - a participação coletiva - sem medo dos conflitos, tomados como saudáveis e indispensáveis ao processo democrático, permitiu a formação continuada de todos nós, aprendizes que temos sido de muitas lições: lições de humildade, de reconhecimento dos diferentes, de coragem para permitir ouvir e avançar cada vez mais, fazendo do Proler um instrumento possível de fortalecimento da sociedade civil em sua relação com o Estado e com a cidadania, na construção de políticas públicas de leitura.

Lima, 11 de março de 2001  
Jane Paiva

## Reunidos no Rio, mais uma vez Comitês do Proler avaliam o ano que passou e traçam metas para 2001

Criação de bibliotecas itinerantes; construção de salas de leitura; dramatização de leituras com crianças; contação de histórias em bares e restaurantes; divulgação de livros de escritores da terra; concurso de contos; leitura para cegos e crianças com câncer e dinamização de bibliotecas dentro de orfanatos. Estas são algumas das iniciativas em prol da democratização da leitura apresentadas pelos Comitês do Proler, reunidos no VII Encontro Nacional de Avaliação e Perspectivas 2001 - realizado entre os dias 11 e 15 de dezembro no Rio Othon Palace Hotel, no Leme, Rio de Janeiro.

De norte a sul do país, gente que faz e acontece no campo da leitura veio mostrar a quantas anda o Proler em sua cidade, o que foi proporcionado no decorrer de 2000 e, mais uma vez, pensar junto o que deverá ser desenvolvido em 2001. Gente como os que estão à frente dos comitês de Cáceres (MT), Cataguases (MG), Viçosa (MG), Caxias (MA), Mossoró (RN), João Pessoa (PB), Gravataí (RS), Frederico Westphalen (RS) e Vitória (ES), cujas iniciativas relatadas não puderam ser descritas aqui por, infelizmente, falta de espaço. Mas são igualmente interessantes e inovadoras. A prática da avaliação anual e do planejamento participativo, corresponsabilizando os parceiros na tomada de decisões quanto à definição política das ações e dos recursos já está bem incorporada pelos Comitês e tem sido um momento muito fértil de trabalho coletivo. Indicativos para a formulação do documento final (a ser publicado no próximo número da Folha Proler), sobre o tema proposto para 2000 - "Leitura e escrita - ainda desafios para o próximo milênio" - foram produzidos e, novamente, a idéia de um tema aglutinador das ações nacionais foi debatido, apontando-se o caminho de trabalho para 2001.

O balanço geral das atividades dos 33 Comitês presentes ao encontro foi de muita reflexão acerca da leitura, educação e literatura - proporcionada pelas palestras e debates - e de muita informação trazida pelos participantes, interessados em compartilhar idéias, ações e pensamentos.

Todos os representantes dos Comitês presentes puderam apresentar uma síntese sobre o trabalho que têm desenvolvido e, assim, partilhar com os demais as atividades de promoção da leitura que praticam. Para animar a disposição dos participantes na ultrapassagem das dificuldades, freqüentes na área, Elizabeth Serra, coordenando a mesa, destacou dois exemplos de incentivo à leitura válidos para se ter em mente que, quem quer, faz. O primeiro, do movimento Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e pela Vida. Com o slogan "Livros são alimento da alma, mas 1 quilo de arroz ajuda", pede à população que doe livros e alimentos por um Brasil melhor.

O segundo exemplo vem diretamente de Coroa Vermelha, na Bahia. Depois das comemorações dos 500 Anos de Descobrimto do Brasil, os índios Pataxós de lá habitam solicitaram às autoridades a construção de uma biblioteca. Pronto, o lugar é freqüentemente visitado por eles que recebem assistência quinzenal de uma bibliotecária.

Quanto aos relatos dos Comitês, muitas novidades e atividades de rotina agitam as cidades onde estão instalados, no ano passado. Ao microfone, sempre uma boa história contada por quem sonha em promover a leitura num país de cerca de 17 milhões de analfabetos maiores de 15 anos até 1997. Em Parintins (AM), cidade a 400 Km de Manaus, o representante do Proler, Paulo César Archanjo, faz o que pode e o que não pode quando o assunto é educação. Afinal, ter acesso à leitura numa

cidade onde não existem livrarias, museus ou centros culturais não é tarefa fácil. A principal atividade que tenta reverter este quadro são as bibliotecas flutuantes, instaladas em barcos, que visitam todas as escolas à procura de quem quer ler, mas não pode. Mesmo carente de livros, Parintins respira cultura via expressões populares. É lá que todos os anos, no mês de julho, acontece a festa dos bois-bumbás - Garantido e Caprichoso - evento que pára a cidade, sendo a principal causa da evasão escolar. "O que movimenta a cidade é a festa de julho e sempre procuramos mostrar às crianças que não é somente farra, mas uma manifestação folclórica regional", completa Paulo.

No estado do Amapá, Dulcineia Pereira Vale garantiu que o Proler de Macapá ainda não está 100%, mas em breve estará a todo vapor, inclusive com novidades já experimentadas em 2000. Uma delas é a divulgação de livros de escritores locais. Sempre que um deles lança um título novo, o Proler organiza uma noite de autógrafos no centro cultural da cidade.

Em Natal, no Rio Grande do Norte, também há uma noite de autógrafos, só que os autores dos livros são alunos de uma escola local. Segundo Adriano Gomes, representando o Proler da cidade, além dos autógrafos, há uma festa de confraternização para alunos, pais e professores - todos presentes para prestigiar tanto os autores como a iniciativa também.

Proposta semelhante acontece no Piauí. Segundo Marilde Chaves dos Santos, do Proler de Teresina, a imprensa local divulga o trabalho dos professores das escolas, dos quais muitos dividem a tarefa de lecionar com a de escrever. No mesmo rastro, a representante do Proler da Baixada Santista (SP), Conceição Dante, falou do projeto "Painel Literário". Todo mês um escritor é promovido e tem sua obra disponibilizada na biblioteca. Além disto, a biblioteca do Centro tem um núcleo na orla, visitado diariamente por banhistas. "Quem vai à praia, passa na nossa biblioteca e pega um livro ou revista para ler enquanto curte o sol. Na volta, é só devolver".

Já em Marabá, no Pará, a dramatização de leituras com crianças foi uma das ações realizadas em 2000. Segundo a coordenadora Lúcia Cristina Gomes dos Santos, as crianças leram "Chapeuzinho Vermelho" em conjunto e o resultado foi surpreendente. "Foi uma atividade bem interessante, pois surgiram várias interpretações da mesma história a partir de trajetórias pessoais; valeu a pena", completou.

Anete Pinto Sardenberg, do Proler de Boa Vista (RR), falou dos concursos "Conto contado" e "Visconde de Sabugosa" que todo ano são promovidos pelo Comitê. No primeiro, os três melhores contos contados pelos próprios autores são publicados e no segundo, crianças da 3ª e 8ª séries apresentam histórias de Monteiro Lobato, sendo premiados os mais interessantes. Em Dourados, no Mato Grosso, a grande ação realizada foi o 2º Encontro Estadual de Leitura que contou com oficinas, palestras e apresentação de projetos de leitura desenvolvidos em escolas municipais, estaduais e particulares da região. Segundo Aurea Rita Ferreira, o Proler também organizou uma gincana cultural, em parceria com o jornal Progresso, cujo principal objetivo foi doar cerca de 1800 livros aos moradores dos assentamentos de reforma agrária locais.

O Encontro Estadual de Leitura de Porto Velho, em Rondônia, foi uma das iniciativas do Proler de lá e gerou projetos como a criação de uma sala de leitura no alojamento para crianças infratoras, conhecido como "SOS - Criança", e

a colocação de uma estante de livros no tradicional café "Tábua do Cacique".

Em Campinas, São Paulo, ler histórias em um lugar público também é uma iniciativa do Proler. Segundo Gláucia Pécora, uma funcionária do Proler junto com uma aluna da Pontifícia Universidade Católica (PUC) visitam toda semana um bar distante da cidade só para contar histórias aos seus freqüentadores. Os livros lidos são doados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

E se professores não costumam ir à biblioteca, ela vai até eles. Para estimulá-los a freqüentá-la, todos os cursos promovidos no ano passado pelo Proler de Campina Grande, na Paraíba, foram realizados utilizando seus espaços, segundo sua coordenadora, Albanita Guerra Araújo.

O dilato do Maomé e da montanha também se repete em outras cidades como Palmas, no Paraná. Uma biblioteca itinerante, instalada numa kombi com aparelho e caixas de som acoplados, roda pelas praças da cidade à procura de quem se interessa por livros.

Em Brasília, Distrito Federal, uma mala repleta de livros percorre escolas e encanta crianças. O projeto "Mala de Leitura" é desenvolvido pelo Proler de lá, sob a coordenação de Cristiane Salles Moreira. Já foram lidos 65.740 livros para as crianças de várias idades e o resultado foi não só gratificante como curioso. "Uma das crianças contemplada com o projeto, certa vez, ouviu a avó dizer que a casa onde morava estava repleta de formigas. Para espanto da avó, o menino respondeu que bastava ter um tamanduá em casa para resolver o problema das formigas. Disse isso baseado nas histórias contadas na escola", completa Cristiane.

De Brasília diretamente para Itacuruba, em Pernambuco, a proposta de acondicionar livros num recipiente móvel também foi adotada. O projeto "Carrinho da leitura" leva livros às crianças e adolescentes das escolas da cidade, incentivando a leitura entre eles. O representante do Proler na cidade, Saulo Queiróz de Almeida, garante que o trabalho é árduo porque Itacuruba faz parte da região conhecida como Polígono da Maconha. Muitos jovens trabalham no tráfico ou consomem drogas, o que dificulta qualquer iniciativa ligada à leitura.

Em Aracaju, Sergipe, espaços destinados à leitura de livros, porém pouco utilizados, deixaram de ser espaços decorativos. O Proler está revitalizando as bibliotecas construídas dentro de orfanatos - pouco ou quase nunca freqüentadas -, como a do Cristo Redentor.

Continua na próxima edição.



Momento de descontração dos participantes do VII Encontro Nacional do Proler que se reuniram para uma foto

# Ciência, arte e literatura por Ana Maria Machado

"Fumar na frente de crianças pode incentivá-las ao fumo. Parafrazeando a advertência do Ministério da Saúde contida nas propagandas de cigarro veiculadas na televisão brasileira, quem sabe se lendo na frente das crianças, elas sintam vontade de ler também?" Assim propôs a escritora de livros infantis e juvenis Ana Maria Machado ao palestrar para os participantes do VII Encontro Nacional do Proler Avaliação e Perspectivas 2001 no dia 11 de dezembro. Dando início à palestra, Ana Maria convidou o público a examinar em conjunto dois aspectos da cultura: a ciência e a arte, a partir de um texto de sua autoria, lido em voz alta, saborosamente, para os presentes.

Ao iniciar sua reflexão, disse que doses diárias de histórias, narradas ou lidas, são imprescindíveis ao ser humano, alimentando seu espírito. E foi além, ao falar do papel dos professores neste processo. "Os professores devem compreender a importância de ler histórias para seus alunos".

Muitos presentes, ao final da palestra, levantaram questões, narraram experiências. Ana Maria, então, foi além, fazendo novas reflexões que deixaram todos a pensar, inquietos pelas provocações. Destacou, em comentário a questões levantadas, que seria bom fazer aparecer não só os professores ruins, mas os maravilhosos que entendem a educação de maneira mais ampla e realizam um trabalho igualmente maravilhoso. Para Ana, responsabilizar o professor não é a saída e sim refletir sobre o sistema de ensino no Brasil e suas falhas. "Antes de sair culpando o professor que se deixou marginalizar, temos que pensar no sistema".

Concordando com a ideia de que a literatura deve trabalhar essencialmente o poder da palavra, sem ter necessariamente vinculação pedagógica, ou utilidade imediata, e com a crítica à posição da escola de que se os livros não falam de temas atuais, não são indicados, Ana Maria observou: "o que o livro emociona, o que o livro toca não tem nada a ver com os parâmetros curriculares nacionais". Para ilustrar seu pensamento, contou um episódio ocorrido na época do lançamento do seu livro "Texturas" em Montevideu, Uruguai, quando leu, para um público basicamente de professores, trechos do livro, abrindo espaço, ao final, para debate. Um professor limitou-se a indagar-lhe sobre quantos personagens ela havia criado. Lembrando que no Uruguai o analfabetismo foi erradicado no século XIX e a leitura é uma prática comum, Ana Maria se disse perplexa com a pergunta e respondeu que simplesmente não sabia por nunca ter se preocupado em contar. A este tipo de professor, contrapõe uma professora que conheceu há alguns anos em Cuiabá, Mato Grosso. Ao participar de um encontro sobre literatura promovido pela prefeitura local, Ana Maria foi questionada pela professora se era falta de respeito com a literatura construir livros por não lê-los. A professora reconhecia a importância da leitura, mas sabia que a escola, para onde levava um dia e meio de canoa para chegar, não dispunha de nenhum título, sendo muito precária. Ela propôs, então, que cada aluno trouxesse uma história para contar em sala de aula. A partir daí, a turma passou a não só a contar, como a redigir e a ilustrar as histórias. No fim do ano, foram transformadas em livros.

Ao revelar as duas experiências, Ana Maria questiona quem é o professor leitor e criador: aquele de Montevideu que se atém a números, ou a de Cuiabá que, diante da falta de livros, não fez por menos e incumbiu seus alunos da tarefa de fabricá-los? A resposta todos nós sabemos, porque acreditamos que sem leitura não há aprendizagem, e sem aprender, nenhuma educação é eficiente. Fiquem agora com o texto de Ana Maria que a Folha Proler reproduz na íntegra e tenham uma boa leitura!

## Palestra de Ana Maria Machado

"Fico muito contente por ter sido convidada para esta festa. Tem tudo a ver. Por um lado, porque é uma festa de livros, e tenho dedicado minha vida a eles. Sou escritora, fui professora de literatura e crítica, fui editora, fui livreira por 17 anos. E sou sempre, eterna e irremediavelmente leitora apaixonada. Por outro lado, é uma festa ligada à educação, à cultura e a um trabalho militante por um futuro melhor para o Brasil, pela certeza de que temos que acabar com a iniquidade e toda a injustiça na distribuição de nossos bens - materiais ou não, como a leitura. Também uma atividade que tem sido parte essencial da minha vida e que, mais que isso, acabou em várias ocasiões mudando radicalmente o rumo da minha trajetória. Falar nisso poderia ser pretexto para várias evocações biográficas ou pessoais.

Mas este momento hoje celebra uma união que eu quero muito festejar. Não apenas com lembranças temas e emocionadas. Mas da maneira mais condizente com a educação e o intelecto - provocando vocês todos para pensarmos juntos, num convite geral à reflexão. Em minha opinião, o papel do intelectual deve estar ligado à sua obrigação de pensar a sociedade levando em conta sua complexidade, mas com, artir com as outras pessoas esses pensamentos, buscando fazê-lo com a maior simplicidade possível. Seja pela linguagem clara, seja pelo raciocínio transparente, que não visam a humilhar nem afastar outros membros da sociedade, mas incorporá-los a uma reflexão solidária.

Assim sendo, convidado: vamos pensar em conjunto? Sobre o quê? Sobre essas coisas mesmo em que vivemos imersos. Ensino e professores, por exemplo. Por que é que existe educação, escola, ensino... tudo isso? Outros animais vivem sem isso... Por que nós, animais da espécie Homo sapiens, inventamos essa história? Talvez tenha sido nossa maneira de nos adaptarmos para sobreviver. Se realmente existe um instinto de preservação da espécie - que nos faz comer, nos abrigar, nos reproduzir para que possamos conti-

nuar existindo seres como nós - então esse instinto deve ter percebido que o ser humano não tinha assim essa força toda para sobreviver num ambiente hostil (ou em vários ambientes hostis, porque não conseguimos ficar quietos num lugar só, e vamos da praia à montanha, do gelo ao calor), se não usasse a inteligência - e não talasse de transmitir às gerações seguintes as experiências vividas pelas gerações anteriores.

Uma das maneiras de fazer essa transmissão de conhecimentos foi a educação, e logo começaram a existir mestres e aprendizes. O que os professores fazem hoje tem a ver com essa missão fundamental e importantíssima na história humana - transmitir informações e conhecimento para que possamos sobreviver.

Mas o conhecimento só adquire sua plenitude se ele tiver sentido, se conseguir se transformar em sabedoria. Por isso é que a educação não pode ser uma coisa mecânica, mera capacitação ou desenvolvimento de habilidades específicas, reproduzindo atividades a serem repetidas sem qualquer questionamento. Tem que ir buscar seu sentido na cultura. Que é feita de muita coisa, mas, de um modo bem simples, a gente pode entender como sendo tudo aquilo que o ser humano cria para se adaptar ao meio ambiente e "completar" a natureza, digamos assim. Roupas, alimentos cultivados, preparados e cozidos, casas, objetos para carregar as coisas, meios de transporte, armas para se defender, ferramentas, meios de se comunicar com seus semelhantes, de passar adiante uma memória ou de expressar seu mundo interior.

Educação e cultura costumam andar juntas, às vezes até estiveram num só ministério ou secretaria. Elas se completam, mas são diferentes. Uma pessoa ligada à cultura, um criador de cultura (por exemplo, uma paineleira de Goiabeiras no Espírito Santo, ou uma rendeira de Deodoro, em Alagoas, um ceramista de Tracunhaém ou do Vale do Jequitinhonha, um tocador de pifano de Caruaru ou uma pastista de escola de samba no Rio, enfim, os inumeráveis criadores de cultura deste país) pode até não ter muita noção de educação, porque está numa relação imediata com a passagem de seu mundo interior, da criação, ao contato com o mundo exterior, da natureza e da sociedade. Mas alguém que trabalha com educação precisa pensar um pouco na cultura, porque está lidando diretamente com a transmissão de sabedoria acumulada e de uma visão crítica que não se contenta com o que há, mas percebe a necessidade do que ainda não há, formule novas questões e procure respostas para elas - e essa sabedoria é justamente a cultura.

A educação democrática, corporificada no sistema de ensino que uma sociedade escolhe, tem um compromisso com o coletivo, procura uniformizar as oportunidades para todos, homogeneizar a sociedade. Transmite-se de cima para baixo, segue currículos e diretrizes centrais, obedece a regras gerais, busca avaliar suas realizações com critérios comuns. Seu objetivo deve ser dar a todos os cidadãos uma formação bem semelhante, para aproximá-los, quase igualá-los e tentar fazer justiça, sem discriminar ninguém. Entre os princípios básicos da democracia que Betinho fazia questão de distinguir, cabe a ele, ajudar a zelar, antes de mais nada, pela garantia da igualdade - embora não possa se afastar da solidariedade, da participação e da liberdade.

A cultura, por outro lado, é incontrolável e caótica. Não se corporifica em nenhum sistema que possa ser imposto hierarquicamente, não aceita regras vindas de fora - principalmente, vindas de cima - não admite avaliações por critérios comuns e únicos, odeia a uniformização, repete a homogeneidade. Parte de uma expressão individual e da afirmação subjetiva - ainda que sua soma seja coletiva e ela sempre expresse a sociedade e o momento em que é gerada. Irompe de baixo para cima, dá voz às diferenças pessoais, faz questão de ser original. Sua função numa democracia é encarnar o princípio que faltava - o da diversidade - e colaborar para a tolerância e a aceitação da divergência.

Sem educação, uma sociedade não se amplia. Sem cultura, não vai para a frente. Precisamos das duas juntas, para poder olhar para os lados, incorporar variedade, fazer novos questionamentos, sonhar projetos diferentes... e caminhar em direção a eles com alguma disciplina e método, com determinação e capacidade. Depois dessa reflexão sobre educação e cultura, amplio meu convite chamando vocês para virem em minha companhia examinar um pouco mais de perto dois aspectos diferentes da cultura - a ciência e a arte. Ambas são expressões criativas que procuram formular perguntas novas e propor algumas respostas diferentes para os desafios e mistérios da vida e da natureza. Mas a ciência busca princípios que valham para todos os casos, que sejam universalmente aceitos. Em uma palavra, trabalha com a regra. A arte, por outro lado, vai se dedicar exatamente aos casos que fogem à regra. Ou seja, expressa a exceção. Mais uma vez, precisamos de ambas. No entanto, qual o lugar que a arte ocupa na educação? Que espaço lhe é reservado na escola, no sistema de ensino em geral? Um aluno que complete o ensino médio terá aprendido na escola alguma coisa de arte? No fim de todos os anos que ficou na escola, que percentual de tempo o sistema escolar dedicou a estabelecer algum contato entre esse aluno e a música, por exemplo? Quantas aulas de desenho lhe teve? Ou de modelagem? Ou de história da arte? Ou de dança? De cinema, teatro? Nenhuma. E estranho, porque se esse estudante resolver fazer um vestibular para arquitetura, por exemplo, ou desenho industrial, a universidade vai lhe pedir que faça prova de desenho - mas a escola nunca deu um minuto para lhe ensinar perspectiva, sombra, escala ou proporção. Com tudo isso a responsabilidade educacional da literatura acabou ficando enorme -

afinal, é a única arte cujo ensino ainda sobrevive, embora deformado e demasiadamente atrelado ao ensino do português. E com isso, a leitura de literatura - já por si só tão essencial, como tenho repetido e explicado em tantos artigos e palestras - passa a ser ainda mais fundamental, porque é a única passagem que o ensino institucionalizado oferece para um contato com a criação artística. E ninguém prepara o professorado para isso - uma exigência básica de sua função.

Uma maneira de melhorar um pouco essa situação é que os professores leiam. Assim, mesmo em outras aulas, de outras disciplinas, podem falar em alguma coisa de literatura. Se além disso puderem se referir a outras artes, falar em música, cinema, melhor ainda. Mas que, pelo menos, possam falar em algum livro que leram e, dessa forma, dar exemplo de leitura e despertar a curiosidade em seus alunos. E que todos, de 1ª a 4ª série, possam compreender a importância de contar histórias para seus alunos.

## Criança adora ouvir história

E não apenas porque é gostoso. As razões são muito mais profundas. Têm a ver com a felicidade pessoal e com toda a história humana.

Quem foi ver a Mostra do Redescobrimto deve ter observado que, na exposição de arqueologia, estava muito bem explicado que atualmente os cientistas concluíram que o que fez o ser humano, como espécie, se distinguir dos animais não foi o fato de andar em dois pés (outros bichos andam), de ter crânio maior ou de desenvolver uma linguagem (golfinho e abelha também se comunicam). O que nos faz ser gente é a expressão simbólica. Ou seja, em poucas palavras: expressar uma coisa que significa outra - como pintar, representar, narrar.

Desde as mais antigas pinturas em paredes de caverna, aparece a situação em que alguém conta uma história enquanto outros se reúnem em volta para ouvir. Não sabemos que histórias eram essas, mas sabemos que eram contadas e apreciadas. E, pelo que sabemos das histórias de hoje, podemos ter certeza de que elas eram feitas de memória e imaginação. Lembranças de episódios vividos. Invenção de fatos não vivenciados - mas sonhados ou temidos. Ao serem contados, cumprem uma dupla função. Se forem reais e concretos, transmitem uma experiência e ensinam algo a um companheiro e, muitas vezes, ao próprio narrador no ato de narrar. Se forem fictícios e abstratos, exorcizam um medo, canalizam um desejo, projetam um plano. E como nunca são apenas uma dessas coisas, as histórias acabam desempenhando todos esses múltiplos papéis (e muito mais), misturados em doses diferentes, conforme o ouvinte, as circunstâncias, o narrador, a maneira de contar, os elementos da própria história... Um tesouro.

De qualquer forma, são essenciais a felicidade humana. Outra premissa que hoje é universalmente aceita e a de que o ser humano é a única espécie que tem a consciência da biografia. A ideia de que a vida pode ser contada com uma memória do passado e uma sucessão de experiências. Mas que isso, existe implícita a noção (ou a vontade) de que tudo isso se encaixine para alguma forma de sentido. Da nossa obsessão com histórias, nossa exigência de narrativa. Todo mundo precisa de doses diárias de narração: alimento do espírito, como precisa de água ou comida, alimento do corpo. As histórias sempre cumpriram esse papel. Hoje em dia, na quem procure satisfazer essa demanda com os capítulos das novelas, ou o acompanhamento de intrigas políticas, bastidores do esporte ou fotografias sobre celebridades na imprensa. Mas isso não basta. As novelas privilegiam a imagem em relação à palavra. A imprensa finge que diz a verdade e nem sempre deixa claro que está inventando muita coisa, e que aquilo é apenas uma versão do real.

História faz falta. A narrativa de ficção é feita com palavras, deixando a ação da imagem (a imaginação, imagem em ação) por conta do leitor/ouvinte. E, ao não pretender ser real, estabelece um pacto com o leitor, que o obriga a uma atividade mental de buscar conexões daquela história com sua experiência vivida. No seu tempo, fazendo pausas, voltando atrás, relendo...

Além disso, em termos pessoais, cada um está sempre recapitulando para si mesmo o que lhe aconteceu, tentando entender, formular projetos. Quando as coisas complicam muito e trazem sofrimento, recorre-se a um médico, um analista, alguém que vai ouvir as intermináveis histórias contadas pelo paciente e tentar ajudá-lo por meio de um tratamento baseado na reflexão sobre essa narrativa continuada. História faz falta. Até mesmo para a saúde.

Como na vida moderna muitas vezes se perdeu o convívio com o livro, contar histórias às crianças se torna ainda mais importante. E uma maneira de passar para elas parte do patrimônio cultural universal que a humanidade vem acumulando há milênios - um direito que cada um tem, como herdeiro desse tesouro. Mas é também uma forma de mostrar que histórias existem, se guardam em livros, e estão alicance de todos que saibam disso e abram as páginas à sua espera. A criança acostuma a que lhe contem histórias, no futuro, sabera onde procurar o que precisa para satisfazer sua inevitável demanda da palavra escrita e da narrativa de ficção. De quebra, para quem conta, fica um prêmio. Poucas recordações futuras serão tão doces e boas quanto a lembrança dos olhinhos brilhantes de uma criança quando enquanto ouvira uma boa história que a gente contou. Não se negue essa alegria. Conte histórias, leia histórias em voz alta, dê livros bons para as crianças lerem sozinhas. O futuro agradece. O seu, o delas, o da humanidade.

Ana Maria Machado

# UM PROJETO PARA A AMÉRICA LATINA

Dizendo-se privilegiada por ter tido a oportunidade de falar a um público pertencente a um país que também considera privilegiado, no VII Encontro Nacional do Proler, o qual fez questão de prestigiar, quando de passagem pelo Brasil, Sylvia Castrillon, diretora do Fundalectura - Fundação para o Fomento da Leitura e seção colombiana do International Board on Books for Young People (IBBY) - co-irmã da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), assim iniciou sua exposição no dia 11 de dezembro, falando sobre o tema "O IBBY integrando a América Latina através da literatura para crianças e jovens".

Apaixonada por literatura, Sylvia também discorreu sobre vários assuntos relacionados à sua paixão, incluindo o trabalho desenvolvido pelo Fundalectura e propostas para tornar a sociedade leitora e modernizar a biblioteca pública.

Criada há 20 anos com o nome da "Associação Colombiana para o Livro Infantil e Juvenil", a Fundalectura é uma entidade privada porém sui generis, na opinião de Sylvia, porque mesmo sustentada pela indústria editorial e gráfica colombiana, tenta manter a autonomia. Tarefa que para ela não tem sido fácil, pois torna-se complicado exercer o controle do que se produz no campo da literatura quando se está sob a égide do produtor. "Mesmo achando a independência fundamental é difícil mantê-la frente à indústria que nos mantém", completa.

Sylvia também discorreu sobre o trabalho de intercâmbio que a entidade quer promover com outros países latino-americanos. Na sua opinião, é essencial compartilhar experiências no campo da produção literária com quem está produzindo, pois é uma forma de conhecer a si mesmo. "Uma integração é fundamental porque só conhecemos os outros e desconhecemos o nosso continente. Conhecemos mais os Estados Unidos e a Europa que a nós mesmos", lamenta.

Ela acrescenta que este fato é mais evidente se pensarmos na literatura infantil. Na sua opinião, os autores latino-americanos se limitam a circular nos seus países até porque não existe uma idéia formada de que o intercâmbio é necessário. "Os autores argentinos ficam só na Argentina, assim como os mexicanos, cubanos e brasileiros. No Brasil, ainda é pior pela barreira do idioma", conclui.

A favor da circulação das idéias entre os povos, Sylvia acentua o sonho de ver as crianças terem acesso à boa leitura de títulos publicados nos países latino-americanos. "A América Latina é conhecida no mundo inteiro pela droga colombiana, mas penso que temos outros valores como a literatura infantil que devemos difundir e fazer com que as crianças a conheçam. Para isso, um projeto de integração latino-americano é inadiável".

## Projetos em pauta

Os recentes e futuros projetos da seção colombiana do IBBY são muitos e vontade de colocá-los em prática não faltou. Sylvia foi a responsável pela organização do 27º Congresso do IBBY, ocorrido entre 18 e 22 de setembro de 2000, em Cartagena de Índias, Colômbia, quando quase mil adultos se reuniram para trocar idéias e experiências sobre os caminhos da literatura para crianças, divulgando o que os países da América Latina têm produzido nesse campo.

Para Sylvia, a participação do Brasil foi de extrema importância no Congresso, o que se deveu ao apoio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ, seção brasileira do IBBY, por ter mobilizado 68 profissionais do livro entre autores, editores, bibliotecários, ilustradores, professores, pesquisadores e críticos a irem à Colômbia, levando seus trabalhos.

Para além do Congresso, Sylvia destacou a proposta de se publicar um boletim com resenhas de livros de autores infantis latino-americanos traduzidas não só para o espanhol, mas também para o inglês, de modo a que possa ser enviado a revistas especializadas no mundo todo e inserido em base de dados sobre o assunto e, ainda, disponível na Internet.

Também espera conseguir recursos para a bial de ilustração latino-americana, bem como continuar editando as revistas da entidade, "Revista Latinoamericana de Literatura Infantil y Juvenil", "Hojas de lectura", "Cincuenta libros sin cuenta", "Cual de ellos sera?". Mas avisa a quem se interessar que novas idéias são sempre bem-vindas!

## Pensando propostas

Quanto à proposta de tornar a sociedade leitora,

Sylvia acredita que primeiro é necessário renovar a pedagogia da leitura na escola e fazer com que os professores sejam leitores. Se o professor não é leitor, será quase impossível ensinar a ler e a escrever.

Com esta concepção, Sylvia adianta que o Fundalectura está formulando um projeto de leitura em conjunto com o Ministério da Educação da Colômbia. "Nosso propósito é fazer com que os professores leiam livros de qualidade, inseridos em grupos de leitura a serem criados. A atividade principal é ler com o professor e ler para o professor".

Sobre a proposta de modernizar a biblioteca pública, Sylvia é ambiciosa, pois não se trata apenas de inserir o novo em lugar do velho, mas de repensar o próprio conceito de biblioteca. Na Colômbia, apesar do número razoável de bibliotecas públicas, não existe a tradição de que sejam para servir à formação cívica da sociedade. Frequentadas em sua maioria por estudantes, deixaram de ser espaço para a formação de leitores.

Não sugere, com isso, que os alunos deixem de ir à biblioteca, mas que a utilizem de forma diversa do que vem acontecendo até então. "Pensamos que muitas tarefas que os estudantes executam na biblioteca são de cópia e não de criação. Queremos convertê-la em um espaço ideal para a formação do leitor, bem como para o desenvolvimento da democracia".

Mesmo considerando a proposta idealista, Sylvia garante que não só é possível torná-la realidade como já existe um projeto em prática. Chama-se "Colômbia cresce lendo" - uma campanha destinada às prefeituras para que seus dirigentes tenham consciência de que modernizar a biblioteca é primordial.

Além do projeto, Sylvia falou da existência de uma associação política, com sede na Colômbia, que tem como membros professores e bibliotecários e funciona como grupo de pressão frente às autoridades. "Pensamos que o trabalho desenvolvido pela associação é um dos poucos que conseguirá mudanças fundamentais na concepção da escola e da biblioteca para a formação de leitores".

## 500 anos de Brasil na Biblioteca Nacional

A Biblioteca Nacional continua comemorando seu aniversário em grande estilo. Desde que completou 190 anos no último 29 de outubro, o maior acervo literário da América Latina vem cumprindo uma extensa programação para festejar a data. E quem esteve no VII Encontro do Proler pôde participar desta festa que já dura três meses, sem dia para acabar.

No dia 13 de dezembro, os representantes dos Comitês presentes ao encontro foram convidados a assistir à cerimônia de abertura da exposição em comemoração aos 500 anos de Brasil e aos 190 anos da biblioteca, instalada nos jardins da sua sede, localizada na Av. Rio Branco, 219, Centro da cidade do Rio de Janeiro.

A cerimônia contou com a presença de figuras ilustres

como o ministro da Cultura, Francisco Weffort, o presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), Tarcísio Padilha e o presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Eduardo Portella.

Aberta ao público até o dia 20 de abril, das 9h às 19h, a exposição foi organizada por Paulo Roberto Pereira e apresenta obras importantes como "Les singularités de la France Antiquaire", de André Thevet (cosmógrafo francês conhecido por retratar negativamente os nativos no Brasil); "Warftige be scheribung eyner landschafft deer wilden nacketen grimmigen menschenfresserleuthen in der neuen welt America gelegen", de Hans Staden; "Escravo tatuado", de Johan Mortiz Rugendas; "Historia Naturalis Brasiliae", de Willem Piso e "Ethiophe resgatado",

de Manoel Ribeiro da Rocha.

Além de integrarem a exposição, estas imagens também foram selecionadas para a mostra virtual que pode ser visitada acessando-se o site [www.bn.br](http://www.bn.br) da Biblioteca Nacional na Internet. Em papel, os visitantes poderão conferir a importância da BN no belo catálogo editado para as comemorações dos 190 anos, símbolo do bem cultural e da qualidade do trabalho que se faz ali.

Ainda como parte da programação de aniversário, para o mês de março também está previsto o lançamento do selo comemorativo dos 190 anos pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), e da medalha, homenageando a Biblioteca, promovida pelo Clube da Medalha.

# A leitura em cinco séculos de história

Carteiras de escola do século XIX, cartilhas do ABC, palmatória usada pelos professores de antigamente e cadernetas de alunos que já hoje são avós e avós. Estes e outros objetos irão compor a exposição itinerante "Cinco séculos de leitura no Brasil" - uma iniciativa do Proler, a ser inaugurada em maio na Biblioteca Nacional, para depois percorrer todo o Brasil.

No segundo dia do VII Encontro Nacional do Proler, 12 de dezembro, as curadoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman falaram ao público presente como será a exposição que representa o projeto mais importante do Programa para 2001, pois vai tornar possível reunir, em torno da leitura, o conhecimento de todo o país.

A idéia de criar uma exposição sobre a história da leitura surgiu do desejo de o Proler mostrar uma face da cultura brasileira que poucas vezes tem visibilidade: a leitura no país, com todas as histórias oficiais e da resistência de pessoas, de grupos minoritários, de segmentos de população que compõem o universo dos que se fizeram e dos que não se fazem, até hoje, leitores, desde os primórdios da passagem dos homens no continente americano, deixando marcas, vestígios, indícios e expressões do que foram e de como são e se fazem pela capacidade de contar, nos diferentes registros, seu estar e intervir no mundo.

No total, 50 painéis irão compor a exposição que também reunirá conjuntos de objetos organizados de acordo com o lugar em que for instalada. "Em cada cidade que receber a exposição, um núcleo de leitura local será criado e fortalecido", completa Elizabeth.

Marisa ratifica que há várias micro-histórias de leitura espalhadas pelo país, geralmente esquecidas pelos projetos centralizadores de grandes histórias. E acrescenta que o aspecto inovador da exposição é o fato de ter um módulo nacional complementado por módulos a serem produzidos nos locais por onde ela vai passar. "A exposição vai acolher as exposições dos diferentes brasis e das diferentes leituras que se estabeleceram nestes espaços".

A partir da idéia de combinar um módulo fixo com um móvel, a exposição pretende que o visitante se identifique

com as situações de leitura, percebendo criticamente como se produzem as práticas de leitura e como essas práticas excluem muitos sujeitos da população brasileira. O que o Proler deseja, com essa exposição é, em síntese, que quem vá à mostra saia familiarizado, compreendido e envolvido com a formação da leitura no Brasil.

É Regina ainda quem afirma que 500 anos de leitura representam uma história de ser e não ser pois muita coisa não aconteceu em face dos acontecimentos de fato. "Precisamos chamar a atenção para o que aconteceu por inteiro e pela metade, mas não deixar que a exposição se torne, nem um projeto de euforia, nem deprimente. Nosso pressuposto é registrar fatos positivos e negativos da leitura no país". Para Marisa, não se pode imaginar que a história de leitura no Brasil é uma história de ausências, pois alternativas são sempre pensadas, principalmente as propostas por professores.

Sem perder de vista o aspecto histórico e a questão crítica e formadora da leitura, a exposição pretende sensibilizar a sociedade para sua participação que, na verdade, é a participação nas práticas de leitura que se estabelecem pelo menos há cinco séculos.

Textos e imagens irão compor os painéis como, por exemplo, um quadro que retrata uma aula de leitura numa escola do século XIX. Regina o qualifica como um retrato antigo da cultura escolar do Brasil, contrapondo-o a de uma sala de leitura dos anos 90, por exemplo.

A exposição também vai contar com documentos e objetos representativos das práticas de leitura exercidas no país, bem como da história impressa em cinco séculos. Marisa dá como exemplos uma lei de Portugal que proíbe o Brasil de ter imprensa e o decreto de D. João VI, datado de 1908, no qual ele instaura a imprensa régia. "São documentos da falta de uma infra-estrutura de leitura e da fundação, ou melhor, da autorização para termos esta infra-estrutura".

Como objetos, Marisa cita desde as mesas onde os alunos liam os livros nas bibliotecas do século XIX até as mesas coloridas de vários formatos das salas de leitura dos dias de hoje, além da palmatória que, apesar de retratar um

aspecto negativo do ensino no Brasil, é representativo de um período em que quem não gostasse de estudar era castigado.

A Biblioteca Nacional, evidentemente, vai colaborar com seu acervo na exposição, selecionando documentos e obras que ilustram esta história e que estão sob sua guarda. Bom motivo para os visitantes ficarem mais perto dos tesouros que a instituição vem guardando nesses 190 anos de serviços prestados à memória brasileira.

## Comitês em ação

Entusiasmados com tudo o que ouviram, os comitês do Proler foram convidados a participar ativamente da exposição, mas antes devem ler o projeto para depois discutir de que forma poderão contribuir.

Para Glória Pondé, professora especialista na área da leitura e da literatura infantil e juvenil e permanente colaboradora do Proler, a exposição será uma oportunidade de se falar das histórias oficial e não oficial da leitura, por ser provocadora, o que possibilita a reflexão dos visitantes. Já Maria das Graças Castro, de Goiânia, propôs uma reunião com os representantes dos Comitês para discutir como cada um poderá participar da mostra itinerante. E Denise Nery Euclides, de Viçosa, adiantou que sua cidade poderá contribuir com muitos objetos pessoais que marcam a história de leitura dos seus moradores.

A princípio, cada local terá o núcleo principal composto pelos painéis reproduzidos, ficando a cargo da cidade o módulo móvel, resultante da pesquisa que deverá ser desenvolvida na região. Francisco Aurélio, de Vitória, sugeriu que o Proler fizesse a reprodução da mostra para todos os Comitês, deixando o resto por conta de cada um. Elizabeth Serra acatou as sugestões, mas adiantou que a reprodução vai depender do orçamento a ser aprovado em 2001. "A quantidade de painéis que poderemos reproduzir só poderá ser definida quando soubermos o valor da verba disponível", finalizou.

## Bebês que lêem

Na sala de espera de um centro público de atendimento a crianças em Paris, um bebê, de apenas seis meses, está no colo da mãe. Em suas mãos, o livro "Palavras e imagens" (sem tradução no Brasil). Ao ver a figura da mamadeira, a menina não hesita em tocá-la. Os olhinhos brilham, como se o objeto fosse real. Manuseia a página, jubila e entra em êxtase. Até lambear a figura, mostrando à mãe que está com fome. É hora de mamar. Ao ver a reação da filha, a mãe admira a cena e entende o recado da pequena: lã a mamadeira - real - da bolsa.

Esta é apenas uma das várias histórias que a fonoaudióloga e psicóloga clínica, Cláudia Brandão, tem para contar - fruto do trabalho que desenvolve há 16 anos com literatura para bebês.

No primeiro dia do VII Encontro Nacional do Proler, Cláudia falou de sua experiência neste campo, após morar 19 anos na França, para uma plateia fascinada com o assunto, quase desconhecido no Brasil. E sugeriu que se dêem livros aos bebês para que iniciem os primeiros passos neste fascinante mundo da leitura.

### Contra a segregação

Funcionária por 16 anos da ACESS - Ação Cultural contra a Exclusão e Segregação - Cláudia chama a atenção para o trabalho que a associação desenvolve. Criada por três psicanalistas francesas, a ACESS atende a bebês, crianças e jovens marginalizados. Após anos de estudos e pesquisa, os profissionais identificaram a ausência total do livro no universo de seus pacientes.

O ponto de partida para chegar a esta conclusão se deu anos antes num colóquio sobre linguagem e escrita, no qual Emilia Ferreiro apresentou um interessante trabalho sobre o controle da língua escrita por parte das crianças.

Emilia ardeava por descobrir o que as crianças compreendiam dos textos escritos, que chegavam em suas mãos. Ela comparou crianças moradoras das favelas da Cidade do México (México) com os filhos de diplomatas também residentes na capital. E notou que não havia diferenças entre eles quanto ao interesse espontâneo pela leitura até os 5 anos de idade. A partir daí, os dois grupos seguiram caminhos distintos, dividindo-se entre leitores e não-leitores, ambos influenciados pelo meio sociocultural em que viviam.

A solução era agir antes que a influência do meio resultasse na diferenciação. Então, por que não permitir à infância marginalizada o acesso à leitura?

Seguindo o caminho traçado por Emilia, a ACESS iniciou um trabalho de leitura precoce, levando o livro a quem ainda engatinhava. "Trabalhamos com recém-nascidos até crianças com três anos - idade em que vão para a escola. Desta forma, proporcionamos no intervalo pré-escolar um tempo lúdico de contato com os livros, baseando-se sempre nos estudos comparativos de Emilia", complementa Cláudia. Segundo ela, aos seis anos a criança experimenta o declínio do complexo de Édipo. Nesta fase, tudo relacionado ao saber é posto de lado, mesmo pelas crianças ligadas à escrita. Portanto, o ideal é estimular desde o cedo o interesse pela leitura de modo que ao chegar à idade crítica o fenômeno não se manifeste. "A criança que até os seis anos tem seu lado lúdico estimulado, tem menor chance de sofrer o declínio, porque vivenciou os livros de modo prazeroso. E estará ligada à leitura o bastante quando seu aprendizado for cobrado por volta dos seis anos", explica.

### Cada idade, um comportamento

Segundo Cláudia, em cada idade percebe-se uma reação diferenciada diante do livro. A partir dos três meses, por exemplo, os bebês realmente enxergam os livros. O corpo se manifesta. O olho, a sobrancelha e a testa se movem, esboçando a reação de que algo novo está sendo visto pela primeira vez.

Já aos seis meses, o bebê passa a dar mais importância ao objeto livro. Cláudia explica que nesta idade ele adquire a convicção de que a mãe existe realmente, mesmo quando está longe do seu campo visual. Ele pode não vê-la, mas sabe que ela existe e que não está presente ante seus olhos.

Para suportar a ausência da mãe, o bebê recorre à representação do objeto, sendo o contato com livro de grande valia neste processo. Cláudia salienta a importância de se contar histórias para o bebê dormir. "O livro vai amenizar a separação da mãe. O bebê chora ao dormir porque sabe que vai separar-se dela, mesmo que momentaneamente".

Ainda neste processo, ocorre a fase do esconde-esconde, da estruturação do balbúcio e da instalação da linguagem. Cláudia diz que o bebê adota a linguagem indicativa em que aponta o que deseja ou balbucia para mostrar o que quer.

Ela complementa que o bebê, após os seis meses, pode não só fazer relações com os objetos reais, mas com situações vividas também.

Certa vez, uma menina de quatro anos descobriu o livro "O Coelhoinho está doente" (sem tradução no Brasil) e uma vez por semana em que era atendida por Cláudia num centro de pediatria, pedia para que a mesma história lhe fosse contada.

A psicóloga tentava entender porque o livro que falava de um coelhinho que ia operar a garganta era sempre o escolhido. Mais tarde, ela descobriu que o pai da menina estava internado num hospital por causa de um traumatismo craniano e que o interesse pela história traduzia o momento que a menina passava fora das páginas do livro. "Através do livro, a criança fez um trabalho de elaboração psíquica do trauma que vivia. Mesmo que o nosso objetivo seja cultural, de compartilhar os livros com bebês e crianças, neste caso, teve uma repercussão clínica, pedagógica e social".

### A importância das imagens

Quando palavras e imagens dividem o mesmo livro, as reações dos bebês são fantásticas, pois o comportamento não se limita à manipulação do objeto. Ele faz analogias com o mundo real e com os objetos reais que conhece. Cláudia conta que certa vez um bebê de seis meses arrancou a página de um livro que continha a imagem de uma bola. "Ao ver a figura na página, ele tentou pegá-la, segurá-la, mas não conseguiu. Seu tascínio pela bola era tanto que ele optou por tirar a página, guardando-a para si".

Relevando o papel da imagem, Cláudia afirma que primeiro a criança identifica as que conhece porque são parecidas com objetos reais. Por isso, anseia em pegá-las. Num segundo momento, descobre um mundo de imagens desconhecidas por que não conhece os objetos. E depois descobre, através das imagens, que pode imaginar a partir do seu referente.

Ela também ressalta nas imagens o papel de complementar o texto e vice-versa. "Se a criança está diante de imagens cortadas, o texto a ajuda a organizar o pensamento e entender o que está vendo". Além de atuar como controle em situações limite.

Cláudia conta que certa vez numa creche as crianças pediram para contar "Onde está o urso?" (sem tradução no Brasil), mas o livro havia sido guardado por não estar em plenas condições de uso.

Sabendo a história de cor, ela resolveu contar sem ler. A reação das crianças foi de pânico, pois sem a imagem reconfortante do urso impressa no papel, ele poderia estar vivo no jardim, na sala ao lado, no banheiro, pronto a assustá-las.

Mesmo valorizando o papel da imagem, para Cláudia, o mais importante é permitir o acesso dos pequenos à leitura, mostrar os livros, até contar, lendo, a história. Deste modo, se desenvolvem seu imaginário e vocabulário, além de tornar possível o intercâmbio com outras crianças de diferentes idades e meios sociais.

## Ainda o 5º Concurso

# "Os melhores programas de leitura junto a crianças e jovens de todo o Brasil"

Apesar de o 5º Concurso já ter sido noticiado no Folha Proler n.º 16, seus resultados continuam exigindo destaque, assim como os comentários e as repercussões. Incluído na programação do VII Encontro Nacional do Proler Avaliação e Perspectivas 2001, a entrega dos prêmios aos três primeiros lugares e aos laureados com as menções honrosas provou que a leitura continua em festa e quem a promove tem mais é que festejar. Afinal, quem tem a promoção à leitura como objetivo a seguir merece prêmios e palmas.

Na presente edição, trazemos a fala dos agraciados, carregada pela emoção do momento e pela alegria do reconhecimento conquistado.

Miguel Aduino de Lima, diretor do Colégio Estadual Lourdes Alves de Melo em Itaguajé, Paraná, representou as professoras Marisa Ciroko Tamamaru de Souza e Lucia Costa Melo Anacleto, idealizadoras do programa "Uma água por livros" e vencedoras do 1º lugar, e garantiu que ganhar o concurso "foi uma grande festa para todos".

Segundo ele, com o dinheiro arrecadado pelo bingo foram comprados 500 livros, guardados em uma sala onde todos não só da escola como da comunidade têm livre acesso.

"Acho que a comunidade aprendeu a gostar de ler, inclusive outros trabalhos envolvendo a leitura já foram realizados. Além disso recebemos muitas doações e hoje a biblioteca já conta com cerca de 1.200 livros", complementa.

Colocar o livro na mão da criança que não sabe ler. Esta tem sido a proposta do projeto "Criança ajudando criança", ganhador do segundo lugar. Para a sua idealizadora, a professora Olívia Azevedo, do Grupo Escola Dr. José Tavares, de Campina Grande, Paraíba, a idéia principal é a da promoção da parceria entre crianças, tendo em mente que uma criança que já sabe ler pode ajudar aquela que ainda não tem uma história de leitura. "A criança leitora, que tinha apenas o direito de aprender de alguém, passa a ter o dever de ensinar a alguém". Esta idéia desloca o foco central da escola, que é o de admitir que só o professor ensina, para admitir que todos ensinamos e aprendemos, uns com os outros, juntos, o tempo todo, porque temos sempre o que ensinar e o que aprender.

Sem esconder o contentamento por ter sido uma

das colocadas, Olívia garante que nunca pensou em competir e sim em ganhar os títulos de prêmio. "Assim que eu soube que o projeto ganhara, eu espalhei para a escola inteira que havíamos conseguido os livros", explica. Para Flávio Antonio de Carvalho, funcionário da Secretaria Municipal de Cultura de Itapeva, São Paulo e um dos responsáveis pelo projeto "Incentivo à Leitura", que tirou o 3º lugar, a premiação foi o melhor que podia ter acontecido. Melhor ainda foi a oportunidade de ter vindo ao Rio de Janeiro para participar do VII Encontro do Proler. Na sua opinião, Itapeva ganhou duas vezes: uma ao ficar entre os três primeiros colocados e a outra ao conhecer o trabalho desenvolvido pelo Proler. "Agora que eu conheço o Proler, pretendo implantar um comitê na minha cidade", prometeu.

Os vencedores das menções honrosas também não escondiam a satisfação por terem sido agraciados e garantiram que os programas vão de vento em popa. Joezil de Barros, vice-presidente dos Diários Associados de Pernambuco, que desenvolve o projeto "Leitor do futuro", anunciou que o prêmio não só encheu de orgulho os idealizadores como permitiu que novos caminhos fossem traçados. "Estamos pensando na possibilidade de aumentar o número de escolas que são beneficiadas pelas ações do programa".

Ana Araújo, uma das coordenadoras do projeto "Leitura para bebês", laureado com menção honrosa, se sentiu muito orgulhosa com a premiação de um trabalho que, segundo ela, é pioneiro num campo onde pouca coisa foi escrita.

Na sua opinião, o programa, que possibilita ao bebê ter contato com o livro, também tornou possível fazer de cada educadora uma leitora. "Nós passamos a nos observar e percebemos o quanto somos leitoras e pesquisadoras. Diante disso, vejo que o Proler, ao promover este concurso, atingiu não só os bebês, mas a todas nós envolvidas com o programa", finaliza.

### O Concurso em números

Ao término do 5º Concurso FNLIJ/Proler "Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura junto a crianças e jovens de todo o Brasil" já se pode ter uma noção da abrangência e da extensão que esta experiência assumiu no país ao longo de cinco anos, desde que foi iniciada em 1994.

Um primeiro levantamento quantitativo realizado a partir da base de dados formada pelos trabalhos inscritos

em 1994, quando promovido em âmbito estadual pela FNLIJ, e em 1997, 1998 e 1999 (dados tabulados até este ano) com parceria da FNLIJ/Proler e apoio da Secretaria do Livro e da Leitura/MINC, ampliando o Concurso para o âmbito nacional, está em fase final de elaboração, quase pronto para ser divulgado sob a forma de relatório, combinando texto e tabelas.

Baseado neste relatório, é possível observar que 413 instituições inscreveram, pelo menos, um programa nos concursos realizados nos anos analisados em que o Concurso ocorreu, sendo que 328 (79,41%) pertencem à esfera governamental. Destas 413 entidades, 124 são escolas estaduais, 2 são escolas federais, 95 estão na rede municipal e 32 são escolas particulares.

Observando-se mais atentamente as unidades da federação, conclui-se que o Paraná é o estado com maior participação nos seis concursos realizados, com 72 instituições que inscreveram pelo menos um programa. Em segundo lugar está o Rio de Janeiro com 69 instituições e, em terceiro, vem Minas Gerais com 55.

O total de programas inscritos no Paraná, consequentemente, também foi o maior - 96 - se comparado aos outros estados. Do Rio de Janeiro, 76 programas se inscreveram e de Minas Gerais, 62.



Das mãos de Elizabeth Serra e Emir Suaiden, Miguel Aduino de Lima recebe o prêmio pelo 1º lugar no V Concurso FNLIJ/Proler



Elizabeth Serra deu início à cerimônia de entrega dos prêmios do 5º Concurso FNLIJ/Proler que contou com a presença da escritora Laura Sandroni e dos membros do Comitê Proler, Jane Paiva e Emir Suaiden, compondo a mesa.

## FNDE participa, uma vez mais, do VII Encontro do Proler

Convidada para participar do VII Encontro, convite este que vem se repetindo desde 1998, pela importância da parceria do Proler com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), a secretária-executiva do FNDE, Mônica Messenberg Guimarães, compareceu e fez palestra destacando justamente a importância da parceria do órgão que dirige e o Proler na manhã do dia 13 de dezembro.

Para o público presente, ela afirmou que a promoção da leitura será prioridade do Ministério

da Educação em 2001, além de elogiar o eficiente trabalho que vem sendo realizado pelo Proler em todo o país. A todos que a ele se dedicam, Mônica deixa uma mensagem:

"A Humanidade sempre teve na leitura uma fonte de sabedoria e perpetuação do conhecimento. Desde os primórdios dos tempos a leitura serve como alimento para o espírito, abrindo as portas da percepção tanto de jovens quanto de adultos e, mais que isso, dando a oportunidade de ascensão social a quem dela faz uso. A parceria vitoriosa que o FNDE faz com o

Proler traduz muito bem esse espírito de busca por novos horizontes e completa a ação do MEC no que diz respeito à preparação de multiplicadores para o incentivo à leitura.

Essa mesma conjugação de esforços reflete-se na parceria que existe entre o aluno e seus livros. Parceria essa que transforma alunos em cidadãos e ajuda a disseminar o conteúdo desses livros entre milhares de jovens brasileiros".

**Mônica Messenberg Guimarães**

# Ensinando a ler imagens

No dia 14 de dezembro, o professor de Teoria da Arte da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UERJ) e um dos organizadores da exposição "Imagens do Barroco - séculos XVII e XVIII", integrante da Mostra de Redescobrimientos Brasil +500, Amândio Miguel, convidou o público a refletir sobre o tema "Assim na Terra como no Céu: uma leitura topográfica imaginante".

A palestra foi marcada, ainda, pela exibição de slides de obras de arte e um vídeo com imagens da exposição do Barroco.

Com a experiência adquirida após 20 anos de trabalho no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) dedicados à obra de arte, Amândio propôs uma exibição, dividida em duas partes, sobre a leitura da obra de arte, compreendida enquanto texto visual com o qual o leitor dialoga.

Na primeira, apresentou slides de três telas que integram coleções da Academia Imperial de Belas Artes e atualmente estão expostas no MNBA. Trata-se das obras "As filhas de Ló", datada dos séculos XVII e XVIII, "David e Abizag", do século XIX, e "Suzana e os velhos", do século XVIII.

Produzidas especialmente para decorar as

alcovas e servir ao ideário masculino, as telas geram incômodo nos visitantes que as consideram libidinosas e obscenas. Segundo Amândio, o choque é ainda maior ao se darem conta, lendo a legenda, que se tratam de representação de narrativas bíblicas.

Com uma aula sobre como ler uma imagem, analisou cada uma das obras comparando as composições pictóricas com os textos que as acompanham. Atento aos detalhes, Amândio fez uma releitura pessoal, baseando-se também nos conhecimentos que detém sobre teoria da arte.

Na sua opinião, ler uma imagem requer o conhecimento de que ela, por si só, é soberana e cada espectador, munido de suas experiências, realiza as etapas de leitura. "Temos que olhar as imagens e deixar que nos incomodem e ao penetrar neste imaginário novo que começa a surgir, que cumpram a função que é, delas, própria", complementa.

Na segunda parte da palestra, Amândio discutiu a mostra do Barroco, visitada na tarde do dia anterior como programação incluída no VII Encontro Nacional. Explicou que o estilo foi negado até o início do Estado Novo, para

depois ser recuperado. Polêmico, o Barroco também se revela denunciatório, pois a grande maioria das obras que integram a exposição pertence a colecionadores, o que atesta o caráter privado da arte no Brasil.

Para Amândio, a exposição é uma maneira de mostrar ao público o que dele foi confiscado. "O que deveria ser herança do povo brasileiro está nas mãos do poder econômico. Esperamos assim incomodar o público e fazê-lo perceber que o que deveria estar nas instituições públicas, está ornando a casa de alguém", lamenta. Reiterando o convite para uma nova visita à exposição, depois do rico momento em que o espírito da Mostra Brasil + 500 foi trazido à platéia e historicizando os caminhos da organização da arte, Amândio reavivou a emoção dos que foram à exposição, ao exibir o vídeo de produção doméstica que puderam realizar, já que há restrições com flashes para equipamentos fotográficos e de filmagem. "Imagens do Barroco - séculos XVII e XVIII", para quem ouviu Amândio não tem mais o mesmo sentido da primeira visita: passamos a conhecê-la como ele nos ensinou: "folheando" as imagens como quem lê um livro. Imperdível!

# Histórias para contar e ouvir

O projeto não é novo. A Folha Proler já lhe deu destaque por algumas vezes, mas parece que agora está, efetivamente, chegando ao término da fase de produção. O destaque nesse número fica por conta de analisar como idéias inovadoras, concebidas e desenvolvidas com critérios para além do produto final, mas com a metodologia da pesquisa, de construção de caminhos, de registro das produções teóricas durante o processo e da preocupação em produzir conhecimento, vale sempre a pena, apesar de exigir um tempo maior, uma certa "paciência histórica". É da metodologia de produção que nos fala Iraides Maria Pereira Coelho, assessora do Proler para o projeto.

A gravação de livros para crianças e jovens portadores de deficiência visual deixa, enfim, de ser uma idéia em construção para se tornar realidade. O projeto "Ouvindo Livros" - uma iniciativa do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e Proler, em parceria com o Centro de Tecnologia Educacional da UERJ (CTE) - criado há quatro anos, está na reta final, devendo ser finalizado em março, quando terminam as gravações. Foi o que afirmou Silvio Coelho, que dirige o projeto e a Coordenadoria de Produção Educativa de Som e Imagem, ligada ao CTE, ao apresentá-lo no dia 14 de novembro durante o VII Encontro Nacional do Proler Avaliação e Perspectivas 2001. Em sua opinião, "Ouvindo Livros" é "extremamente interessante, principalmente pelo fato de que, desde que foi concebido em 1996, vem sendo atualizado e melhorado a cada ano.

De um total de 200 títulos selecionados, 100 infantis e 18 juvenis publicados até 1999 já foram gravados, restando gravar apenas 82. Segundo Iraides, a etapa principal e também a

última é a gravação em equipamento adquirido para o projeto, que gera fitas matrizes que não comprometem a qualidade do som na reprodução em fitas cassetes, por inexistir qualquer tipo de ruído, montado em cabine de som especial no laboratório do CTE para este fim.

Antes da gravação, o processo passa por várias etapas. A primeira é a seleção dos leitores das histórias entre alunos da Faculdade de Educação. Eles passam por um treinamento específico que inclui sessões de fonologia, pois gravar histórias não é tarefa simples. Exige boa diction e um tratamento diferenciado, dependendo do público que se quer atingir. No caso de livros infantis, o leitor deve interpretar a história, o que deve ser evitado na gravação dos juvenis. "O público jovem exige uma leitura mais linear, de modo que sua imaginação não seja cerceada, ao contrário, seja aguçada", garante Iraides.

Paralelamente a esta fase, ela escolhe os títulos que serão gravados de acordo com os gêneros e faixas etárias. O critério usado é simples: acima de tudo, livros de qualidade, geralmente reconhecidos através de premiações nacionais e internacionais. Mas só este quesito não basta. Segundo ela, o livro deve se adequar ao público portador de deficiência visual. "Supondo que o livro tenha uma imagem forte e não apresente texto, do ponto de vista da gravação, não serve, pois não vai se adequar à percepção de uma criança ou jovem portador de deficiência visual".

Iraides também afirma que os títulos escolhidos não podem ser muito volumosos, pois o ideal é que utilizem o espaço de uma fita cassette. "Não quer dizer que um livro não possa ser gravado em mais de uma fita, mas o fato é que quando ocupa mais de uma fita pode se

tornar cansativo para o ouvinte".

Após a escolha dos títulos, os alunos ensaiam a primeira leitura e iniciam a segunda, sempre assistida por Iraides. Depois do seu aval, a gravação pode ser feita. As primeiras gravações dos livros infantis foram feitas em forma de teste, tendo sido submetidas à audição e avaliação dos alunos do Instituto Benjamin Constant. "Imperfeições superficiais foram corrigidas no teste e a gravação final sofreu modificações importantes, feitas a partir do que percebemos quando levamos as fitas para serem ouvidas pelas crianças e jovens do Instituto".

Quanto à receptividade dos alunos testados, Iraides garante que não poderia ter sido melhor, principalmente porque houve intensa participação dos professores no processo de audição.

Ela vai além e afirma que a audição para o público infantil portador de deficiência visual, ao contrário do juvenil, requer a presença de um intermediário que introduza o livro, explicando um pouco da história e do seu autor. "Não basta ligar o gravador, colocar a fita e sair da sala, deixando as crianças ouvindo sozinhas. Elas têm a necessidade de compartilhar a audição com alguém. O pai, a mãe, o professor ou qualquer pessoa que acompanhe a criança está apto a cumprir este papel".

Quanto aos títulos já gravados, Iraides cita "Contos de Andersen", de Hans Christian Andersen, "A Arca de Noé", de Vinicius de Moraes, "A poesia é uma pulga", de Sylvia Orthoff, "O menino maluquinho", de Ziraldo, todos indicados para o público infantil, além de "Girassóis", de Caio Fernando Abreu, "A bolsa amarela" e "O abraço", ambos de Lygia Bojunga Nunes, entre outros.

# Vencedor do 4º Concurso: da selva amazônica para o Rio

Saindo de Rio Branco, Acre, até Xapuri, são 300 km de chão e rio. De barco, seis horas no modelo "voadeira" ou dois dias no "rabetinha" (embarcação com motor de rabeta). Ao aportar, mais dois dias de caminhada com mochilas nas costas, cheias de roupas, repelente, fitas cassetes e um gravador a pilha (não há energia elétrica), além de malas cheias de livros até chegar às escolas da cidade.

Assim é a rotina de trabalho da professora de língua portuguesa e literatura da rede municipal de ensino de Rio Branco, Maria do Socorro D'Ávila de Oliveira, participante do programa "Mala de Leitura", inserido no Projeto Seringueiro - criado em 1981 pela organização não-governamental Centro de Trabalhadores da Amazônia, junto ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, com o objetivo de mobilizar a sociedade civil e o estado para levar escolas ao interior da Amazônia. Xapuri vive um novo êxito, depois de Chico Mendes.

O projeto foi premiado no 4º Concurso FNLIJ/Proler - "Os melhores programas de incentivo à leitura junto a crianças e jovens de todo o Brasil" de 1999 e o impacto causado na festa de premiação fez com que o presidente da Biblioteca Nacional, Eduardo Portella, lembrasse dele quando solicitado a indicar uma experiência de destaque para se apresentar no Encontro Projetos Culturais - Integração Nacional promovido pela Secretaria Municipal de Cultura, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). Representando o projeto, veio Maria do Socorro, trazida pelo Proler e também convidada a participar do VII Encontro Nacional, quando pôde, como todos os representantes de comitês presentes, narrar o trabalho que desenvolve no "Mala de Leitura".

Completamente engajada no programa e sem vontade de parar, Maria do Socorro conta que está há um ano no "Mala de Leitura", iniciado pelo professor Ricardo Hiroyuki Shibata, que veio, na ocasião, receber o prêmio.

Quando ela tomou conhecimento da iniciativa, as atividades estavam paradas. Shibata havia voltado para São Paulo, para cursar uma pós-graduação. Decidiu, então, que não ficaria imobilizada. Tomou a frente e vem tocando o barco até hoje. "Quando eu vi as malas cheias de livros, incluindo os 500 títulos recebidos como prêmio de 1º lugar no 4º Concurso, encostadas em um canto, eu pensei: não posso ficar de mãos abanando, tenho que atuar nele". Desde então, sobe o rio com o objetivo de lecionar nas 23 escolas atendidas pelo programa, sempre acompanhada das malas de leitura.

No total, são 12 malas, feitas de madeira, contendo 30 livros de literatura infantil e juvenil cada, o que possibilita aos alunos, com quase ou nenhum acesso ao livro, o contato com a literatura nacional e internacional.

A cada dois meses uma escola é visitada, recebendo as malas. Desta forma, todas são contempladas com o programa que, segundo Maria do Socorro, nasceu "no bojo do movimento sindical em Xapuri, quando se pretendia formar lideranças para uma cooperativa de seringueiros já existente".

Antes de partir, Maria do Socorro comunica aos seringueiros pelo rádio quando vai chegar. Satisfeitos com o programa, eles recepcionam o barco e, dependendo da estadia, instalam a professora e a equipe em suas casas.

A adaptação ao local, encravado na selva

amazônica, vai depender da boa vontade e disposição de cada um. Afinal, cobras, onças e jacarés convivem com os habitantes que já não demonstram medo, dormindo até em casas sem porta. "Não posso dizer que a adaptação ao local é fácil, pois vivemos em Rio Branco, que é cidade grande.

Não estamos acostumados com a vida rural, mas apesar dos perigos, gostamos muito do nosso trabalho", confessa.

Esquecendo as dificuldades, para ela o maior desafio do "Mala de Leitura" é, ao formar professores seringueiros, preservar a particularidade local e, ao mesmo tempo, propiciar o acesso ao saber universal. "Passamos o conteúdo pedagógico com o qual devem trabalhar com seus futuros alunos, bem como ensinamos a pesquisar em gramáticas, mapas e livros. Desta forma terão subsídios para atuar em sala de aula, não esquecendo a cultura local", revela.

Inserido numa proposta maior que é resgatar e valorizar a cultura extrativista, aumentando a auto-estima dos alunos, procurando abranger questões relativas ao fortalecimento das organizações comunitárias, o "Mala de Leitura" é uma iniciativa mais que fascinante, na opinião de Maria do Socorro.

Gratificante é o adjetivo que ela usa para se referir aos resultados obtidos. A experiência bem sucedida do programa resultou na fabricação de livros como "Mapinguari - comedor de carne e outras histórias do seringa", editado a partir de textos de professores seringueiros e de outros títulos elaborados por alunos. "Num lugar onde inexistiu o livro, prevalecendo a oralidade, ver alguém escrevendo livros é muito gratificante. Só podemos ficar encantados", finaliza.

## 1ª Conferência Nacional da Educação, Cultura e Desporto

Com o objetivo de analisar a aplicação da legislação, a fiscalização e as políticas públicas nas áreas da educação, cultura e desporto, para fins de alterações no ordenamento legal, se necessário, de modo a atender às necessidades prioritárias preceituadas nestas áreas, foi realizada a 1ª Conferência Nacional da Educação, Cultura e Desporto, entre os dias 22 e 24 de novembro de 2000, no auditório da Câmara dos

Deputados em Brasília.

O tema "Desafios para o século XXI" norteou o encontro, organizado pela Comissão de Educação, Cultura e Desporto da Câmara dos Deputados e que contou com a presença de várias personalidades que se destacam nestas áreas, tais como o professor da UnB e ex-governador de Brasília, Cristovam Buarque; o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Carlos Arthur Nuzman; o

senador José Fogaça e o ator e diretor de teatro, Sérgio Mamberti, entre outras.

A coordenadora do Proler, Elizabeth Serra, participou da conferência, fazendo uma exposição sobre o tema "Biblioteca e salas de leitura". Assistiu às exposições o deputado Gilmar Machado, do PT do Rio Grande do Sul, que se comprometeu a acatar, no âmbito de sua competência, as proposições ali defendidas.



Fundação BIBLIOTECA NACIONAL  
MINISTÉRIO DA CULTURA  
Programa Nacional de Incentivo à Leitura

Folha Proler é uma publicação do Programa Nacional de Incentivo à Leitura / Fundação Biblioteca Nacional



Sede da Folha Proler  
Rua Pereira da Silva, 85 - Laranjeiras  
Rio de Janeiro - RJ  
Tel (21) 556-5978 / 556-5926 - Fax (21) 557-7458  
CEP 22.221-140  
Site: www.proler.bn.br  
E-mail: proler@pnet.com.br

Presidente da República  
Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Cultura  
Francisco Weffort

Presidente da Fundação Biblioteca Nacional  
Eduardo Portella

Comissão Coordenadora do Proler:

Elizabeth D'Angelo Serra - FNLIJ  
Emir José Suarden - UnB  
Jane Paiva - PROALE/UFF  
Kátia de Carvalho - UFBA  
Sônia Moreira - MEC

Editorialista  
Jane Paiva

Jornalista Responsável  
Agláia Tavares  
Registro Mtb nº 18003

Tiragem 6.000 exemplares

Programa Nacional de Incentivo à Leitura



GRAFOLASER  
GRÁFICA & LITOGRAFIA LTDA  
Rua João Lopes de Almeida, 15 - RJ